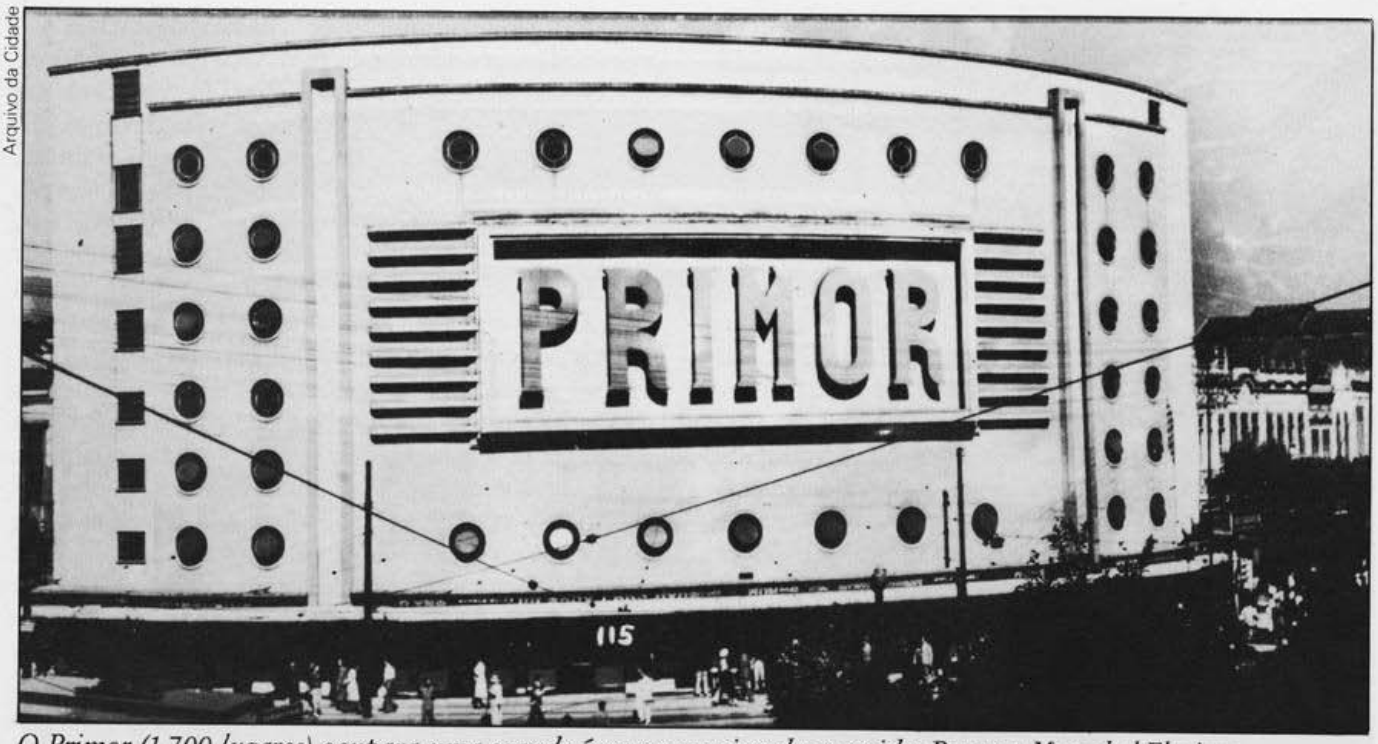
Primor, Popular e outros poeiras

Maurício Azêdo

Arquivo da Cidade



O Primor (1.700 lugares) ocupava uma grande área na esquina das avenidas Passos e Marechal Floriano.

Foi no Cine Catumbi, no Rio de Janeiro, a partir de 1942 e por mais de uma década, que a minha iniciação de cinemeiro se consolidou, nos programas que duas vezes por semana ofereciam atração dupla, com dois longas-metragens e, ainda, um filme-em-série e um jornal falado. Ali aprendemos a amar os ídolos que nos encheram a infância, a adolescência e a juventude — as Ann Sheridan, as Greer Garson, os Robert Taylor, os Errol Flynn, os Tyrone Power, as Esther Williams, as Judy Garland, as June Allyson, e até Libertad Lamarque e Hugo Del Carril, astros de um ou outro filme argentino que de repente pintava. Ali fazíamos também o aprendizado do riso, com a dupla Oscarito-Grande Otelo nas comédias da Atlântida, que provocavam filas de dobrar quarteirões, ou da emoção, em filmes como *Sob a Luz de Meu Bairro* (1946), com Milton Carneiro.

O Catumbi era um cinema de segunda ou terceira linha, que passava depois de muitos meses ou até anos os filmes lançados na Cinelândia, inacessível para os garotos pobres que, como a maioria dos de Catumbi, não tinha terno e gravata para freqüentar os sofisticados cinemas de luxo da Cinelândia — o Metro Passeio, o Palácio, o Plaza, enfileirados na Rua do Passeio, o Odeon, o Império, o Capitólio, já na Praça Floriano — ou da Tijuca, especialmente o Carioca, o Metro Tijuca, o América, o Olinda, concentrados na Praça Saens Peña. Embora modesto, o Catumbi era acolhedor, com entrada e saída para a Rua Marquês de Sapucaí, onde resistiu como cinema até os anos 60, até ser transformado em depósito de supermercado e, finalmente, derrubado para dar lugar ao conjunto de viadutos ligados ao Túnel Santa Bárbara. Ao contrário dos cinemas de primeira, com suas *bombonnières* vistosas, no Cine Catumbi era familiar a presença do baleiro, com seu sonoro pregão a anunciar "Baleiro! Bala, bombom, chocolate!"

Além dos cenários de adoração dos ídolos que o cinema nacional e estrangeiro produzia, o Cine Catumbi era palco também, todos os anos, de desesperadas manifestações de fervor religioso, as quais chegavam ao histerismo. Nas Quintas e Sextas-Feiras da Paixão era fatal a programação de uma velha e descolorida cópia de *Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo*, ainda remanescente dos tempos de cinema mudo, com as cenas sincopadas, as imagens sem som. Para essas exibições as filas eram monumentais, jamais igualadas por qualquer outro filme, nem mesmo os de Oscarito e Grande Otelo,

Arquivo Cinédia

Inaugurado nos anos 20, o Cinema Popular ficava na então Rua Larga e era mais conhecido como Poeira.

que superlotavam os 300 ou 400 lugares do Catumbi — se é que, na distância do tempo, ele não cresceu na nossa imaginação, transformando uma acanhada sala em imenso salão. Alimentada pela pregação do Padre Henrique, vigário da igreja de Nossa Senhora da Salete, plantada no centro da Rua Catumbi, a fé do povo se esparramava pelas filas e depois se derramava pelo salão superlotado, com a multidão que se deslocava das ruas e dos Morros de São Carlos, da Coroa e de Querosene para a sua grande manifestação da unção religiosa.

Nas cenas que precediam ao sacrifício de Nazareno, a multidão já chorava compulsivamente, ao vê-lo cumprir, aos tropeços e sob açoites, os passos da Paixão. Além de chorar, dar gritos lancinantes, a platéia dava urros de protesto, que rebentavam em palavrões perfilhados como legítimos por recatadas mães de família.

Na programação do Catumbi não faltavam filmes capazes de despertar a sensibilidade do público, como *Adorável Vagabundo*, *As Aventuras de Andy Hardy* e toda uma imensa safra de Frank Capra e outros diretores mágicos de Hollywood; os bangue-bangues com John Wayne, Randolph Scott, Roy Rogers e outros caubóis famosos; os musicais com Esther Williams e o tenor italiano Mário Lanza, que abastecia comentários durante toda a semana subseqüente à apresentação do filme, pelo volume de sua voz; as comédias e os dramas do cinema brasileiro, como *Moleque Tião*, que fazia o público chorar aos borbotões. Aos domingos, a sessão incluía na matinê, como atração para a garotada, um filme-em-série que ninguém queria perder, como *Os Perigos de Nioka*, com a heroína de *short* feito de pele de onça. Não por acaso ao se fundar o mais famoso bloco carnavalesco do bairro, o Bafo da Onça, a fantasia-padrão passou a lembrar a Nioka que muitos de seus fundadores viram escapar de terríveis perigos, ao longo de 15 capítulos de oito ou dez minutos que levavam a plateia à emoção e ao êxtase.

Com suas duas sessões semanais, o Cine Catumbi em pouco se tornou insuficiente para o viciado em cinema que o Cine Floriano formara. E dali da Rua Frei Caneca, a algumas centenas de metros do sistema penitenciário — a Casa de Detenção, como a chamávamos —, iniciávamos um périplo cinematográfico que incluía às quartas-feiras o Cinema Íris, onde a atração forte era outro filme-em-série, *A Caveira*; o Cine Mem de Sá, hoje tomado pelo Hotel Bragança; o Cine Avenida, na Rua Haddock Lobo, esquina da Avenida Paulo de Frontin; e Haddock Lobo,

no começo da Haddock Lobo, quase na esquina das Ruas Joaquim Palhares e Machado Coelho; eventualmente, o Cinema Ideal, na Rua da Carioca, e o Cine São José.

Quando estes cinemas se tornaram insuficientes para a minha febre de cinemeiro, resolvi estender o circuito até o Poeira, o chamado Cine Popular, situado na Avenida Marechal Floriano, quase próximo ao Primor e a algumas dezenas de metros do Floriano. A programação do Poeira me seduzia por uma singularidade: assim como o Cineac Trianon, que começava as suas sessões às 10 horas da manhã, com exibições de filmes, desenhos e documentários que não se repetiam, justificando o seu *slogan* de que *O espetáculo começa quando você chega*, também o Poeira abria a essa hora, para uma seqüência de filmes longos e filmes-em-série que não se repetiam até à meia-noite. Com um ingresso, portanto, era possível tomar um banho de cinema.

Tinha eu lá meus 12 ou 13 anos, não sabia que o Poeira era malfalado, e com justas razões. Na verdade, o cinema era cinema, albergue, dormitório, *rendez-vous*, mictório, tudo o que pudesse ser um reduto que nunca acendia as luzes e que acolhia, com seu baixo preço, uma assistência variada de vagabundos, malandros, viciados — aquilo que se considerava a escória social. Era uma platéia tão ampla, tão diversificada, que incluía até aficionados do cinema. Um deles era eu, que estranhei o ambiente, com gente dormindo em esteiras, tipos malencarados rangendo seus esgares, trabalhadores de camisetas sem manga exibindo seu suor e seu cansaço, mas logo me concentrei com os olhos na tela, até que passaram muitos filmes e muitas horas.

Tarde da noite, ao voltar para casa, minha mãe quis saber por onde eu andara, onde passara tantas horas fora de casa, da rua, de qualquer lugar onde se tivesse uma informação sobre o meu paradeiro. Eu lhe disse que fora ao cinema.

— Que cinema? Que cinema é esse que nunca acaba? — quis saber ela.

— Fui ao Poeira. É um filme atrás do outro.

A reação inesperada me fez abolir o Poeira de meu roteiro para sempre:

— Se você voltar ao Poeira eu te dou uma surra que te deixo moído de pancada. Aquilo não é um cinema, é um covil.

Pobre Dona Corina. Não sabia ela que o Poeira era um programa quase familiar perto do Cine Estácio de Sá, também conhecido como Colombo, situado na Rua Pereira Franco, quase esquina da Rua Estácio de Sá, num trecho arrasado nos anos 70 para a construção da Estação Estácio do metrô carioca. Acanhado, dotado de apenas uma porta, pela qual se entrava e se saía, o Colombo recendia a urina, que impregnava todo o seu espaço, da bilheteria ao ponto mais recôndito. Para lá convergia todo o povo do Morro de São Carlos, que entrava como estivesse, e com freqüência não podia estar senão na seminudez de sua pobreza extrema. Era gente descalça, sem camisa, só de calção, homem, mulher, criança, brancos, negros, cafusos e mulatos, uma multidão que entupia todo o espaço, o cheiro de bodum a se misturar com o fedor da urina, o suor a escorrer suculento por todos, unificados pelo grito de "Aí, mocinho!" dos faroestes que faziam a delícia coletiva.

Nesse fim dos anos 40, o Estácio o Catumbi abrigavam uma população de trabalhadores de indústrias, lavadeiras das estalagens portuguesas construídas ainda no princípio do século, guardas do presídio, egressos da Casa de Detenção, prostitutas, uma baixa classe média; um povo que sabia fazer ranchos, blocos e escolas de samba, que se requintava na arte de conceber e fazer balões, que adorava o cinema. Do Morro de São Carlos desciam bandos de adolescentes e jovens que buscavam a sobrevivência no asfalto, uns fazendo carrinhos na feira, outros desbravando os caminhos hoje palmilhados pelos pivetes e pelos trombadinhas. Um desses bandos era tão famoso quanto temido: o de Válter Cachaça, um negro de seus 16 anos, precocemente amadurecido pela bebida, gordo, valente, bom de briga. Mal ele apontava na esquina da Rua Aníbal Benévolo, o caminho da entrada do Morro situada no 401 da Rua Frei Caneca, junto ao muro do presídio, aos garotos do asfalto só se desenhavam duas alternativas: ou fugir ou saudá-lo com respeito.

Ali mesmo em frente ao Cine Colombo, no ponto de bondes na esquina da Rua São Carlos, outra subida do Morro, o Carnaval era pretexto de sangueiras sem motivo ou pretexto. Uma delas ficou célebre em todo o bairro: quando passou um bonde cheio de foliões a sambar no estribo, um dos malandros do bairro abriu a navalha e deixou seu fio correr por quantos alcançasse. No asfalto ficou um filete de sangue e de impiedade.

A despeito de conhecer tudo isso, fui lá ao Colombo, movido pelo meu amor ao cinema. Com todo esse amor, porém, lá não voltei.